

Trajetória de uma personagem negra sob o prisma do mito da meritocracia racial presente em nossa sociedade

Josineide Barbosa Pereiraⁱ

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0016-7558>

Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

E-mail: josineidebarbosa.barbosa@gmail.com

Jannabsa Jussara Rodrigues e Silvaⁱⁱ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0385-918X>

Universidade Federal do Piauí, Brasil

E-mail: jannabsajrs@gmail.com

Josilene de França Santosⁱⁱⁱ

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6089-5092>

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

E-mail: josilenefrancajosilenefranca@hotmail.com

Dra. Rosilene Felix Mamedes^{iv}

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7290-0778>

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

E-mail: rosilenefmamedes@gmail.com

Resumo: A proposta deste ensaio é acompanhar a trajetória de uma personagem negra que sai de uma escola da periferia de São Paulo para estudar em uma escola conceituada no grande centro, através de uma bolsa de estudos que foi conquistada por mérito próprio e sob essa ótica, a do merecimento que pauto minha pesquisa, nossa personagem central ao longo da narrativa vai construindo e ressignificando sua identidade, buscando sempre a sua ancestralidade como pedra fundamental. Ao longo dessa jornada de preconceitos e conceitos amplamente divulgados em nossa sociedade. Uma história ficcional escrita por autoras femininas e negras, mas que traz em sua narrativa longos anos de pesquisa como profissionais da educação, mas também de vivências que como mulheres pretas nesse país tão preconceituoso e cruel sentem na pele todos os dias o peso da naturalização de falas problemáticas que tem como intuito colocar a população negra no seu lugar, ou seja enquadrar essas pessoas em um espaço que foi definido a muito tempo por um grupo social que tem em seu escopo pessoas brancas. Através da trajetória de Mira espero desenhar um quadro de lutas ainda enfrentados todos os dias em nossa sociedade, mas que encontra na escola um espaço de

ⁱ Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Especialização em Literatura e Cultura Africana e Afro-brasileira (UEPB).

ⁱⁱ Especialista em Pedagogia Empresarial pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI; Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI; Professora Efetiva da Rede Municipal de João Pessoa -PB.

ⁱⁱⁱ Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal da Paraíba (UEPB).

^{iv} Doutora em Linguística – UFPB.

referência para resistência, conscientização e humanização das relações étnico-raciais no Brasil.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Meritocracia. Identidade.

Trajectory of a black character from the prism of the myth of racial meritocracy present in our society

Abstract: The purpose of this essay is to follow the trajectory of a black character who leaves a school on the outskirts of São Paulo to study at a renowned school in the greater center, through a scholarship that was won on her own merit and from this perspective, the Based on the merit that guides my research, our central character throughout the narrative builds and re-signifies his identity, always seeking his ancestry as a cornerstone. Throughout this journey of prejudices and concepts widely disseminated in our society. A fictional story written by female and black authors, but which brings in its narrative long years of research as education professionals, but also experiences that as black women in this prejudiced and cruel country feel on their skin every day the weight of the naturalization of problematic speeches that aim to put the black population in their place, that is, to place these people in a space that was defined a long time ago by a social group that has white people in its scope. Through Mira's trajectory, I hope to draw a picture of struggles still faced every day in our society, but which finds in schools a reference space for resistance, awareness and humanization of ethnic-racial relations in Brazil.

Keywords: Children's and young adult literature. Meritocracy. Identity.

Trayectoria de un personaje negro desde la perspectiva del mito de la meritocracia racial presente en nuestra sociedad

Resumen: El propósito de este ensayo es seguir la trayectoria de un personaje negro que deja una escuela en las afueras de São Paulo para estudiar en una reconocida escuela del gran centro, a través de una beca que ganó por mérito propio y desde esta perspectiva, A partir del mérito que guía mi investigación, nuestro personaje central a lo largo de la narración construye y resignifica su identidad, buscando siempre su ascendencia como piedra angular. A lo largo de este recorrido de prejuicios y conceptos ampliamente difundidos en nuestra sociedad. Una historia de ficción escrita por autoras mujeres y negras, pero que trae en su narrativa largos años de investigación como profesionales de la educación, pero también vivencias de que como mujeres negras en este país prejuicioso y cruel sienten en su piel cada día el peso de la naturalización de problemáticas. discursos que pretenden poner a la población negra en su lugar, es decir, colocar a estas personas en un espacio que fue definido hace mucho tiempo por un grupo social que tiene a los blancos en su ámbito. A través de la trayectoria de Mira,

InterEduc

Revista Interdisciplinar em Educação

Interdisciplinary Journal in Education

Educação e Interdisciplinaridade

Vol. 2

ISSN 2965-5218

DOI 10.29327/2163830.2.1-4

espero dibujar un retrato de las luchas que aún se enfrentan cada día en nuestra sociedad, pero que encuentran en las escuelas un espacio de referencia para la resistencia, la conciencia y la humanización de las relaciones étnico-raciales en Brasil.

Palavras-chave: Literatura infantil y juvenil. Meritocracia. Identidad.

Submetido: 26/04/2024 | Revisado: 27/04/2024 | Aceito: 29/04/2024 | Aprovado: 29/04/2024.

1 INTRODUÇÃO

A Segundo o site Toda Matéria meritocracia significa que todo indivíduo é capaz de prosperar somente com suas capacidades sem precisar de ajuda da sociedade, estado ou família. Esse conceito surgiu durante a revolução Francesa que tinha como um de seus propósitos a princípio o bem comum, falar de meritocracia em um país tão desigual quanto o Brasil é um mito que reforça as barreiras sociais existentes em nossa sociedade. Estudos realizados pelo Ministério da Fazenda em 2022 indicam que os 10% mais ricos no Brasil concentram 58% das riquezas do país.

O IBGE traz um dado alarmante nesse quesito de distribuição de renda em que a desigualdade social está atrelada a questão racial, o órgão de pesquisa constatou que o rendimento médio mensal da pessoa “ocupada” no país gira em torno de 1.608 para as pessoas pretas ou pardas contra 2.796 para as pessoas brancas em 2018, outro ponto alarmante é o perfil racial dos desempregados “desocupados” como classifica o IBGE 11,3% se autodeclararam negras ou pardas e 6,8% como brancos. Esses dados nos confirma que o merito no Brasil passa pelo crivo da desigualdade não dando condições justas de concorrer as mesmas oportunidades a negros e brancos, perpetuando o abismo social que foi perpetrado no Brasil, não permitindo que pessoas negras e pardas tenham acesso aos mesmos bens materiais e culturais da elite branca que comanda a economia desse país.

O livro **A cor do Preconceito**, traz de forma contundente essas desigualdades e de como a falta de oportunidades massacra a população negra desse país, obra escrita em conjunto pelas autoras: Carmem Lúcia Campos (escritora e professora de Língua Portuguesa); Sueli Carneiro (filósofa e militante dos Direitos Humanos, especialmente de das mulheres negras); Vera Vilhena (Escritora e professora mestrande de História) é uma história contada em tempo linear, com alguns flashbacks conta a trajetória de uma família humilde, brasileira negra descendente de africanos que terá como personagem central á jovem Mira esforçada, sonhadora e batalhadora que está vivenciando um dilema, está terminando o Ensino Fundamental, aprovada com louvor, mas para ir a

escola suas opções são limitadas, ela tem duas opções ambas difíceis: a primeira seria estudar em uma escola próxima a sua casa, mas com péssima reputação e a outra fica muito distante de seu bairro, eis que surge uma excelente oportunidade seu professor de Português Ricardo lhe oferece uma bolsa de estudos em um dos melhores colégios da cidade (o Strauss) onde o professor também leciona.

Devido ao brilhante desempenho de Mira durante as aulas e as aulas de aprofundamento literário que ele ofereceu para os alunos mais dedicados daquela modesta escola pública (Cruzinha).

Essa notícia abalou a família de Mira de uma forma muito diversa em um primeiro momento, eles ficaram muito felizes com a novidade os pais de Mira viram nessa oportunidade uma forma de sua filha mudar de vida, realizando os projetos que eles tanto sonharam, mas que não foram concretizados. Em seguida veio o medo, pois a família sabia o que aguardava para sua filha, uma escola particular com pessoas ricas e em sua maioria brancas e preconceituosas, eles tinham medo que Mira fosse rejeitada, agredida e que não conseguisse enfrentar os problemas que encontraria pela frente, sabiam da capacidade de sua filha, do quanto ela era forte, mas conheciam bem a sociedade em que viviam. E as formas violentas de preconceitos pelas quais passaram. Especialmente no relacionamento trabalhista, patrão/empregado ele se lembra de um episódio constrangedor e revoltante que aconteceu com ele.

Ela vai ser tudo aquilo que eu e a mãe não pudemos ser, se Deus quiser. Vai estudar, vira doutora, ser rica e respeitada. Não vai ter de passar pelas humilhações que a gente já passou na vida. Nesse momento ele engoliu em seco e lembrou-se daquela vez em que o doutor Maurício lhe oferecera um bico em seu apartamento: - Ô, Negão, você não quer aparecer lá em casa qualquer dia desses para dar uma geral na parte elétrica? A tomada da cozinha tá com defeito,(.....) depois te dou uns trocados pra branquinha. - Ih, doutor eu não bebo, não.

- Pra cima de mim, negão? Onde já se viu crioulo que não gosta de umas pingas ou pelo menos de cervejinha? (p.26).

Quando chegou no apartamento do doutor Maurício, teve que ser anunciado pelo porteiro, entregar o RG, para que o numero fosse anotado, e foi mandado pegar o elevador de serviço. Ele se sentiu extremamente humilhado, teve vontade de denunciar o homem

(porteiro) por racismo. Mas e o seu emprego como ficaria?

O pai de Mira enxerga nessa bolsa de estudos uma oportunidade para que a filha rompa uma barreira que a ele parece intranponível, barreira da desigualdade, do racismo direto e indireto sofrido em todos os dias de sua vida.

1.1 A DIFÍCIL SITUAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL

A situação da população negra no Brasil vem sendo relegada a periferia da sociedade, não só pela situação econômica que revela um lado obscuro de nossa história como país escravagista que fomos. Durante quatro séculos a mão de obra escrava foi usada indiscriminadamente como aporte de sustentação para o desenvolvimento da elite social de nosso país. Após a abolição da escravatura aqui no Brasil a população negra foi preterida em detrimento da mão de obra européia, exploraram todo o potencial dessas pessoas durante a escravidão. Mas quando chegou o momento de algum retorno/reparação eles foram discriminados em amplo sentido, não eram considerados bons o suficiente para a era da industrialização que estava sendo inserida aqui no Brasil. Então, foram relegados a serviços subalternos com baixa remuneração ou na maioria das vezes trabalhavam apenas pelo alimento. Durante esse período o discurso dominante na sociedade da época seria o da miscigenação que pregava que em algumas décadas haveria um apagamento de qualquer traço Afrodescendente. Essa teoria mostra que os povos afrodescendentes não foram preparados para o pós abolição e principalmente não houve nenhuma política pública de reparação por todos os malefícios que foram causados a esses povos. A escravidão no Brasil sempre fora enxergada pela ótica do colonizador, pelo conceito da dominação como único caminho para o desenvolvimento e o progresso.

(...) A linguagem cria a imagem do mundo, mas é também produto social e histórico. Assim, a linguagem “criadora de uma imagem do mundo é também criação desse mundo” (...) A linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem. Os discursos transmitidos contem em si, como parte da visão que veicula um

sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. (Fiorin, 2002, p.53-55)

O Tráfico da população negra começou no Brasil no século XVI. De início como não havia mão de obra para o cultivo de cana de açúcar, em especial, essa foi a principal justificativa usada pelos senhores da terra (Brasil), o escravo era apenas uma peça na engrenagem do progresso e lucro especialmente nas colônias dos grandes impérios do mundo.

Outra justificativa usada pelos “donos da terra” seria a dificuldade de escravizar os índios, o que não é de toda mentira, já que das diversas etnias existentes aqui, muitos se rebelaram. A resistência dos povos indígenas levou a um genocídio em massa destes, esse foi um forte empecilho para o progresso econômico efetivo. Os senhores de engenho assim como de outras atividades agrícolas necessitava de mão de obra de baixo custo e permanente, na África encontraram nos povos negros escravizados, uma mão dupla para lucratividade, já que com o tráfico negreiro, beneficiava a colônia e a metrópole.

Os negros eram traficados para o Brasil na condição de mercadoria de pouca importância devido à alta demanda, os castigos físicos eram regulamentados por lei pela igreja católica, como meio de dominação física. (Pereira; Koshiba, 2009)

A aceitação da escravidão por parte da igreja católica teoricamente se deu devido à “selvageria” praticada naquele continente, então a escravidão seria uma forma de redimir aquelas pobres almas. A geografia do Brasil foi de vital contribuição para a dominação dos povos africanos, já que os grupos étnicos Africanos foram divididos para evitar rebeliões.

Então situações como a que Luiz pai de Mira personagem central do livro vivenciou em seu trabalho, vem sempre imbuída de um discurso dominante em nossa sociedade é a visão de quem está no poder. Carregados de símbolos estereotipados é realizada uma leitura superficial do sujeito que é tido como objeto de uma sociedade que se apóia em um discurso racista com base em comportamentos preconcebidos por teorias de dominação e discriminação.

Vamos encontrar outro exemplo latente do poder discursivo na escola, espaço privilegiado para a construção de valores que interage com a sociedade numa contramão do desenvolvimento de cidadãos. As idéias são recolhidas no seio da sociedade e são implementados valores que formaram futuros cidadãos, desta forma latente não há uma inovação crítica aos padrões preestabelecidos, mas uma confirmação dos discursos pregados pelas elites econômica e cultural parte de uma engrenagem política que favorece idéias e valores comportamentais das classes dominantes. A Sônia a mãe de Mira bem sabe o quanto esses discursos são devastadores,

Sônia lembrou os seus sonhos de menina serem destruídos pelo preconceito, ela queria ser atriz quando crescesse. Um dia resolveram ensaiar um conto de fadas em sua escola e Sônia foi rejeitada e humilhada por seus coleguinhas por ser negra, sua professora tentou defender mais foi um desastre, a inferioridade que seus coleguinhas lhe atribuíam por causa da sua cor só foi reforçada. ‘- Somos todos iguais. As pessoas de cor não têm culpa da cor que têm’. (Campos, 2007, p.29)

A lei de n. 10.369/2003 institui as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas a serem executadas pelos estabelecimentos de ensino cabendo aos mesmos em seus diversos níveis e modalidades, no âmbito de sua jurisdição, orientar e promover a formação de professores e supervisionar o cumprimento das Diretrizes. (Souza, Braga, Braga, 2006, p.19)

Essa Lei foi implementada resultante de muita luta da sociedade civil organizada e do poder público de um modo geral, pois a questão racial nesse país sempre foi analisada pela ótica do apagamento, falar de racismo então é algo impensado, isso não significa que ele não existe, mas que é colocado pra debaixo do tapete, assim como as discussões em torno dos afrodescendentes, que tem sua cultura e história incorporados na cultura e história do Brasil como parte indissociável de um mesmo corpus, ou seja, através do discurso da democracia racial não há uma busca efetiva por igualdade, igualdade esta que nunca interessou aos afrodescendentes a luta sempre foi em torno do respeito e reconhecimento da importância que os povos africanos e afrodescendentes

tiveram na formação da sociedade brasileira e a busca por justiça social através de projetos políticos de reparação.

Respeito pela diversidade étnico-racial sempre esteve presente nas discussões que envolvem os afrodescendentes. Mas as escolas acabam repetindo e disseminando discursos arraigados de preconceito como o que foi proferido pela professora de Sônia. Em sua maioria por falta de informação milhares de “Sônias” neste país têm seus sonhos frustrados por pessoas despreparadas que seguem uma política absurda: a do silêncio.

Os livros didáticos não trazem conteúdos que relatam a história e cultura dos negros como se esses itens não existissem, ficamos em torno de um termo terrível pela função que exerce em nossas escolas, a aculturação como já ouvi falar muitas vezes tem o mesmo significado que apagamento. Somos um país multicultural e multiétnico isso implica em um obscurecimento em torno da cultura e historia afrodescendente, em primeiro plano os africanos não tinham cultura esse era o discurso do colonizador, mas estamos vivendo uma fase bem mais perigosa que é essa de dizer que somos de todas as cores e nesse momento não reconhecemos quem somos, negamos nossas origens e nossa descendência mesmo sabendo que no Brasil 53% da população é negra ou **morena** como a parcimônia o determina.

Essa Lei muda alguma coisa? Apenas para os educadores que buscam novos caminhos para sua vida e a de seus alunos. Por falta de uma fiscalização eficaz para o efetivo cumprimento desta Lei esta gerando um tipo de discriminação ainda mais gritante. São aqueles educadores que se acham conhecedores da história e cultura afrodescendentes que se dizem contra qualquer forma de preconceito ou acepção como esta, que acaba cometendo um crime terrível que é o de não condizer com a realidade dos fatos, usam material de péssima qualidade e acabam divulgando absurdos.

Vamos há um exemplo prático, aqui no município onde moro foi realizada uma mobilização pela paz. Havia uma sala destinada a diversidade religiosa que continha um gráfico com o percentual de adeptos religiosos da escola e dizia o seguinte que 17% dos estudantes eram catimbozeiros, quando falei com o organizador da

exposição ele disse que era uma inferência ao candomblé, mais adiante tinha um cartaz como o conceito de Candomblé que dizia o seguinte: o candomblé é uma religião africana com misturas e influências espíritas, católicas e indígena e abaixo havia uma relação com o nome dos orixás e seus respectivos santos tipo: Ogum = Santa Bárbara e assim por diante.

O mais interessante dessa exposição é que foi organizada por um professor de Matemática Católico, não é nem preciso falar o espaço concedido às religiões afrobrasileira foram resumidas a esses dois cartazes em meio a mais doze cartazes que ali foram alencados. Esse é apenas um exemplo dos vários absurdos que profissionais desinteressados ou despreparados podem cometer o que acaba frustrando da mesma forma os negros especialmente na sala de aula que deveriaser um espaço de dialogo e renovação, acaba se tornado um espaço de opressão para os afrodescendentes que nos traz outro dado curioso de 100 das crianças (ensino fundamental) que estão fora da sala de aula 80 são negras e pobres (esse é um dado oficial da UNICEF).

O livro **A cor do preconceito** retrata com muita ênfase o processo excludente que os jovens negros e negras sofrem no nosso país. Esse processo de conscientização não é simples nem tão pouco fácil, a luta do movimento negro ao longo da história está abrindo espaço de discussão tanto na sociedade como na comunidade científica através da implantação da **LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira foi um grande avanço que abriu caminho para que outras ações afirmativas fossem implantadas, mas ainda existe um longo caminho a ser percorrido até alcançarmos uma sociedade justa e livre de preconceito, podemos constatar isso através da conversa que Mira teve com o professor, pude perceber seu constrangimento ao ser indagado, porque ele havia usado o termo "catimbozeiro" que nesta situação tem uma conotação tão pejorativa. Não grande conhecedor das religiões africanas e afrobrasileira, mas tenho certeza que antes de escrever/expor um absurdo daqueles, aquele professor vai ao menos ponderar e refletir.

- Minha filha, tenho pedido a proteção dos santos e dos orixás pra você. Ali no meu oratório tem sempre uma velinha acesa. Iansã e São Judas estão te protegendo. Quando vou á missa de domingo com a vizinha, nunca deixo de rezar por você. (Campos; Carneiro; Vilhena, 2007, p.53)

O fator religioso é um ponto preponderante da história, cultura e identidade afrodescendente em nosso país, não há como relegar a religião afrodescendente há um lugar subalterno, mas o mais grave em nossa sociedade são os esteriótipos alencados as religiões afros, mas o exemplo da conversa de Mira com sua avó nos traz um exemplo claro da presença e importância das religiões afro em nossa sociedade e como parte integrante de nossa cultura. Mas é o principal alvo de comentários pejorativos e preconceituosos.

2.1 TRAÇOS FORTES DE IDENTIDADE: REJEIÇÃO/AFIRMAÇÃO

O novo colégio para Mira era uma grande oportunidade de realizar seus sonhos, mas era muito difícil também os conteúdos eram muito complexos e os novos colegas bem estes eram amigáveis, mas no fundo ela sabia que não era aceita como parte integrante daquele lugar. E assim começa uma belíssima história de dificuldades, superação e conhecimento interior e do mundo a sua volta. Vamos conhecer os problemas que Mira e sua família enfrenta que é semelhante ao de milhares de famílias negras e pobres brasileiras.

Dentro da lotação Mira tenta ler um livro, mas a música esta em um volume altíssimo e ela é obrigada a prestar atenção.

Quando essa preta começa a tratar do cabelo
É de se olhar
Toda a trama da trança a transa do cabelo
Conchas do mar
Ela manda buscar pra botar no cabelo
Toda minúcia

Toda delícia

(música “Beleza pura”, Caetano Veloso) – (Campos; Carneiro; Vilhena, 2007, p.8)

Essa música fez com que Mira refletisse a respeito de seus cabelos, gostava de suas tranças em *estilo Afro* com elásticos coloridos, mas seu sonho mesmo era ter um cabelo macio, liso, brilhante, sedosos, aquelas tranças davam muito trabalho para fazer e manter. Sua mãe não gostava desse assunto dizia sempre que não tinham dinheiro o suficiente, os produtos são caros e que usar um produto ruim só iria estragar o seu cabelo, mas Mira não desistia de seu sonho e jurava para si mesmo que ainda teria um cabelo “maravilhoso” (Campos; Carneiro; Vilhena, 2007).

Mira sente que se seu cabelo fosse igual ao das outras meninas sua vida talvez fosse mais fácil também, o que é bem compreensível para uma adolescente negra que esta tentando firmar sua identidade baseada em valores que são disseminados e vivenciados por uma sociedade capitalista, burguesa, cristã que prega o consumo e a igualdade dentro de padrões que só interessa as elites dominantes deste país, “A exacerbação do próprio corpo se perde no corpo coletivo, assim como na lógica da moda do particular – aquilo que distingue – ao geral – aquilo que me torna parecido com os outros” (Maffessoli, 2005).

Dessa forma o conceito de moda se delimita dentro de um padrão estético estereotipado, mesmo buscando por uma identidade pessoal que deveria ser única acaba-se incorporando uma noção coletiva do que se deve usar, ser, pensar é um conceito que parte do específico para o geral, fazendo com que a individualidade seja concebida como algo coletivo. Esses conceitos são defendidos por Maffessoli:

(...) Ao contrário do que frequentemente se afirma, a aparência é tudo menos individualista. Muito pelo contrario, constrói-se sob e para o olhar do outro. É nesse sentido, álias, que remete ao simbolismo, é por isso também que podemos falar de uma mitologia de máscaras. (Maffessoli, 2005, p.119)

Essa mitologia a que Maffessoli se refere até certo ponto é um sustentáculo da sociedade “civilizada” como a concebemos, ou seja, ela determina regras sociais sem

as quais beiraríamos ao caos, mas nos impede de sermos verdadeiramente fieis aos nossos preceitos mais elementares, nos policiamos o tempo todo para que os nossos padrões respeitem a normalidade da sociedade e nessa busca incessante de nos adequarmos as normas sociais, somos arbitrários aos que é considerado fora dos padrões e é nesse contexto de controle do corpo social que discriminamos, segregamos outros seres humanos uma vez que são colocados como sujeitos periféricos. Esses conceitos discriminatórios atingem Mira, assim como milhares de pessoas em nossa sociedade que são julgados por esses conceitos de uma igualdade injusta que não aceita o diferente para manter o controle social sobre o individual.

Em uma partida de basquete (a comparavam c/ Janeth ou Alessandra) Mira foi chamada de ‘negrinha safada’ e ela não se controlou falou um monte de desaforos e quase saiu no tapa com a menina, o pai de Mira se chama Luís e ele fica horrorizado quando descobre que ninguém interferiu e a aconselha a resolver as coisas na base da conversa já que violência não resolvera o problema da discriminação racial e lembra a filha que há uma lei que pune esse tipo de discriminação no Brasil, mas Mira não acredita que alguém possa ser punido no Brasil por racismo (ele foi até a escola conversar com a diretora para que o episódio não volte a se repetir) (p.10)

Segundo Dondis (2003) o visionário não se detém diante do óbvio; através da superfície dos fatos visuais, vê mais além, e chega a esferas muito mais amplas de significado, mas infelizmente para milhares de Miras no Brasil não temos tantos visionários, as pessoas discriminam outros seres humanos por causa de sua cor, raça, religião ou opção sexual o fazem por ter entranhado imagens que vem carregado com uma forte carga conceitual que preestabelece um padrão comportamental para os sujeitos sociais não vão além do corpus imagético do (índice) faz uma leitura superficial do que lhe é apresentado como objeto e daí se expandem “teorias” que são aceitas pelo espectador desatento, como por exemplo, dizer que “Negro tem samba no pé; Todo Oriental é inteligente.”

São imagens artificiais que na maioria das vezes, se tornam em índices desses sujeitos que são vítimas dessas projeções e aí fica fácil se aceitar outras barbaridades como as que vitimizam os negros em nosso país e esse episódio que aconteceu com

nossa personagem durante uma partida de basquete, em um dado momento a comparam com uma grande jogadora de basquete que assim como Mira é negra em seguida vem à ofensa racista da adversária que é tida pelas outras pessoas como natural, uma vez que ninguém interferiu mesmo havendo uma lei no Brasil que pune esse tipo de crime.

O pai de Mira está certo, não há como se resolver esse tipo de violência com mais violência, já que o racismo é uma forma cruel de violência, mas tem que ser feito algo que acorde a sociedade dessa história de dizer que não existe racismo no Brasil e se tornam racistas passionais em primeira instância por não aceitar que ele existe e em uma situação ainda mais absurda por ouvirem ofensas como essas e aceitá-las como normal, a atitude do pai de Mira foi louvável em procurar a direção da escola pode não ter resultados imediatos mais é uma forma de resistência contra a discriminação institucional, é uma de dizer que estamos atentos e não permitiremos mais esse tipo de abuso e uma forma também de desapego ao objeto que é tão superficial em seu julgamento imagético e conceitual que acaba formulando um símbolo na base do óbvio como explicita Dondis.

Quando nós observamos um símbolo, que é sempre um objeto do mundo exterior no amplo sentido da palavra, não olhamos para ele como o próprio objeto, mas como representante daquilo que ele representa. (Santaella, 2008, p.21)

Santaella (2008) apresenta um reforço para a nossa discussão de que o símbolo já vem com conceitos tão arraigados que não busca uma representação autêntica do objeto analisado e recorre a falsos conectores que em nada condizem com os fatos. E esses conceitos irão perpassar em diversos momentos da trajetória de nossa personagem como já acentuamos antes ela um personagem representativo da população negra as autoras do livro afirmam isso categoricamente vamos analisar como Mira reage a essas abordagens.

O primeiro dia de aula na escola nova foi uma ebulição de sentimentos para Mira, observou seus colegas e ela era a “única” negra naquela escola na hora do intervalo ela teve contato com alguns colegas que procuraram saber de que escola ela

tinha vindo e quando ela falou: “No Jardim Carolina, as pessoas não conheciam seu bairro e aí apareceu alguém para lhe perguntar”,

E como você veio parar aqui - Tem bolsa? É tenho - disse Mira...
Você é filha de algum funcionário? - espantou-se a outra. - Assim, **moreno**, no colégio só tem o tio da cantina e um segurança, mas acho que nem casado ele é. Parente da professora Terê você não deve ser porque ela não tem família aqui. Só na Bahia. (Campos; Carneiro; Vilhena, 2007, p.40)

Mira nesse momento se sente mal, quando ela falou onde morava, mesmo não sabendo o lugar as perguntas foram incisivas, imediatamente vieram às comparações e deduções se o bairro não era conhecido isso significa que Mira é pobre então não poderia pagar as mensalidades daquele colégio caro, não havia outros negros naquela escola a não ser por dois empregados que poderiam lhe viabilizar uma bolsa, esse dado mostra a disparidade econômica e social que a população negra esta inserida. Em nosso país, mesmo 53% da população do Brasil sendo composta pela população negra, esse dado quando é referente a situação econômica parece ser irrelevante, o acesso a educação, emprego e moradia decente não é de fácil acesso a essas pessoas que vivem a margem e marginalizadas por um sistema social injusto.

Lino irmão de Sônia estava bêbado... Lino era um bom mecânico, mas, desde que perdera o emprego, há mais de dois anos, vivia de pequenos serviços e dera para a beber. (...) Luís tentava convencer o cunhado a frequentar as reuniões dos **alcoólicos anônimos**... (Campos; Carneiro; Vilhena, 2007, p.43).”

Lino é o tio de Mira e sofre com a degradação social e moral que o desemprego causa em milhares de brasileiros nesse país, negro e sem um grau relevante de instrução escolar, ele não consegue encontrar apoio na sociedade que o relega a condição de subempregos mal remunerados, se entrega ao vício da bebida alcoólica como forma de escapismo da realidade. Em meio a esse drama Sônia recorda-se de um episódio da sua infância, eles brincavam quando Lino o caçula se irritou e começou a chorar, então começou a gozação, chamaram-no de “Neguinho chorão” e ele ficou mais irritado ainda

e dizia insistentemente “eu sou Banquinho, Nego e oceis” e aí a gozação ficou ainda mais insistente. Mira também tem um colega de escola que pode servir de exemplo para essa lembrança de sua mãe um rapaz mulato, mas que rir de piadas racistas e não assume a suaafrodescendência.

Aquele que não se dobra a suas mudanidades políticas, econômicas, religiosas, profissionais, será mais ou menos violentamente rejeitado; já que não tem o “odor do bando,” que se mantém na mistura de seu próprio suor com o dos outros. Emresumo, é necessário ver e ser visto para existir. Para dizer de outro modo, não existimos senão pelo olhar do outro. (Mafessoli, 2008,p.29).

Essa suposta rejeição da cor por parte de Lino e o Colega de escola de Mira, não mostra fraqueza de caráter, mas que o ser humano tem a necessidade social deser aceito por seus pares para que possa ser aceito na sociedade, que estabelece padrões de valores moldados em comportamentos previamente definidos pelo outro, que não enxerga o diferente como parte integrante de uma sociedade que se quer diferente ao passo que se define como igual, para que seus estereótipos sejam validados no ápice de suas relações interpessoais consideradas no corpus coletivo da sociedade.

Os esteriótipos preestabelecidos aceitáveis em nossa sociedade são de valores eurocêtricos, deixando a margem os que são diferentes, as correntes de pensamento vigente desde a época da colonização, que definia o negro como símbolo de “sexualidade, nudez, feiúra, preguiça, indolência, desprovidos de imaginação, recusam-se ao progresso e a mudança, não possuem arte nem culturae ainda não são capazes de raciocinar” (Munanga, 1984).

Essa é uma das descrições da literatura científica dessa época. Não podemos nos enganar quanto a esses prismas adotados pelos dominadores para conseguirem o seu intento, a dominação em África se deu por dois vieses, o primeiro foram às chamadas teorias científicas que comprovavam a supremacia dos ocidentais sob o restante dos povos.

Rosenfeld traz uma ilustração clara dessa dominação quando faz uma inferência ao nazifacismo Alemão e Italiano, tanto os nazistas quanto os fascistas se valeram

dessas correntes filosóficas para implementarem seu plano de dominação, seria a chamada supremacia racial ariana atestada na obra de Alfred Rosenberg, o Mito do Século XX, seria a chamada teoria heliocêntrica que pregava a supremacia Germânica, segundo essa teoria os povos descendentes Germânicos deram origem ao berço da civilização, cultura e povos guerreiros, desbravadores e mais que só haveria a evolução histórica através da luta das raças. Teorias como estas favoreceram os colonizadores/escravocratas justificando a dominação européia sobre os povos africanos.

Outro fator de dominação foi pela espada a imposição dos europeus pela força. Essas teorias ainda vigoram nos dias atuais, causando grande influência em nossa sociedade vitimando as consideradas “minorias raciais/sociais.” Mesmo totalizando metade da população brasileira os afrodescendentes são relegados a estratificação social.

A nível prático exige-se uma ação política multilinear, envolvendo o sistema educativo, a situação do negro, a sua participação no poder político decisório, e seu estado psicológico, o restabelecimento de sua identidade ética e do lugar justo que deve ocupar na história sócio econômica do seu país. (Munanga, 1984, p.45)

A Lei de 10.369/2003 vem como um meio eficaz para viabilizar que esse lugar do negro na sociedade brasileira seja definitivamente garantido, já que só através do resgate histórico cultural do povo negro é que será possível um resgate significativo de valores, só quando soubermos quem somos podemos lutar por um espaço nessa sociedade que se quer justa e igualitária dentro das relações de diferenças. Essa ressignificação do ser negro vem sendo cultivada, no Brasil como forma de resistência desde o início da escravatura aqui no Brasil, a cultura e a história dos afrodescendentes resistiu através de muita luta, a aprovação dessa Lei como a de muitas outras foram conseguidas através de muita luta e organização da sociedade civil organizada. Mas esse resgate histórico/cultural é responsabilidade de todos os cidadãos desse país, pois a revalorização dos afrodescendentes, também é uma forma de resgate histórico/cultural do nosso país que acarretara uma sociedade mais justa com igualdade de oportunidades para todos.

O pai de Mira gostava de conversar com os filhos saber como estão na escola, seus planos para o futuro, seus problemas e dúvidas. O colégio não era fácil para Mira, ela sempre estava atarefada, tinha que estudar muito para acompanhar o ritmo das aulas e ela sabia que uma reprovação na sua situação seria fatal. “o preconceito só vai acabar quando as pessoas reagirem e se fizerem respeitar.(Campos; Carneiro; Vilhena, 2007)

Esse comentário foi feito pelo pai de Mira ao saber de suas preocupações a respeito de seus novos colegas que tem dificuldade ou não querem compreender a situação dos negros no Brasil e a situação de pobreza, analfabetismo, desemprego e discriminação vivenciada pelos negros no nosso país é colocado como sendo parte da natureza/índole, indolente de pouca capacidade e esforço por parte destes, segundo a visão destas pessoas se os negros fossem mais esforçados conseguiriam mudar a sua posição periférica em nossa sociedade que fora escravocrata, que pregou a democracia racial por tanto tempo e hoje é assolada pelo devastador efeito da discriminação institucional.

O pai de Mira lhe pergunta ainda por suas tranças que ela deixou de usar depois de tantas perguntas absurdas que lhes eram feitas pelos novos colegas de escola por causa de seus cabelos. Mas Luís também já teve um cabelo longo rastafári foi obrigado a cortá-lo quando começou a trabalhar foi uma condição imposta pelo seu patrão sem direito a contestação, seu cabelo era visto com maus olhos pela sociedade que o achava sujo, coisa de vagabundo. Não lhe deram opção e é isso que Luís tenta dizer a Mira, que suas tranças “afro” fazem parte de sua identidade da história, luta e todo sofrimento de seus ancestrais que tiveram que lutar bravamente para manter a sua cultura, sua origem, sua dignidade. Mas Mira ainda não tem forças para enfrentar toda a responsabilidade que aquelas tranças lhe impõem e por isso ainda sonha com cabelos longos, esvoaçantes, lisos/ lindos. “Mira agora só usava tranças presas, que chamavam menos a atenção e não provocavam olhares de curiosidade e perguntas que ela julgava ofensivas sobre seus cabelos” (Campos, Carneiro, Vilhena, 2007).

Apesar dos amigos que fizera no colégio Mira nunca era

convidada para nenhum programa, às vezes se perguntava se era apenas coincidência ser esquecida nessas horas. Marcaram de se encontra na casa do Dida para discutir sobre o seminário de geografia. Era a primeira vez que ela era convidada para a casa de alguém do colégio. O tema do trabalho deles era desemprego. (CAMPOS; CARNEIRO; VILHENA, 2007, p.72-73)

2.2 MITO DA MERITOCRACIA RACIAL NO BRASIL

Por mais que Mira se empenhasse em seus estudos, sua dedicação era digna de elogios, mas ela se sentia um peixe fora d'água, seus únicos amigos eram Mariana e Dida, que apesar de sua aparente aceitação quanto a condição social e especificamente racial a adoravam, a primeira vez que ela conheceu a casa de um de seus amigos, foi para fazer um seminário de geografia que tinha como tema o Desemprego. As discussões foram acaloradas especialmente quanto a situação dos negros em nossa sociedade e Mira trouxe algumas estatísticas, entre elas a de que 35% dos negros são analfabetos, contra 15% dos brancos.

Mira entrou nessa questão quando se deparou com a falta de conhecimento de seus colegas quando a questão era desemprego, principalmente porque esse um problema que atinge principalmente os negros no Brasil. E seus colegas atribuem a esse fator a falta de preparo, interesse e preguiça da população negra, eles alegam que se Mira conseguiu é porque é batalhadora, então outras também podem conseguir. Mas Mira através de alegações plausíveis como a de que, por exemplo, muitas crianças negras são obrigadas a largar a escola para trabalhar e ajudar a sustentar a família, através de entrevistas com trabalhadores de todas as profissões e funções, foi um trabalho sério pautado em dados reais que levaram seus colegas de grupo a terem uma nova noção da realidade dos trabalhadores do nosso país especialmente os negros. O seminário foi um sucesso e muito esclarecedor. Mas durante a preparação do trabalho, Mira sente-se constrangida, eles deram uma parada para um lanche quando apareceu a copeira para servir o lanche para a turma, ela era negra, Mira ficou incomodada por estar sendo servida por uma negra além de ela e a copeira serem as únicas negras naquela sala.

Depois do seminário de geografia que foi um sucesso Mira conheceu a coordenadora pedagógica da escola que para sua surpresa era uma mulher imponente, culta, arrogante e o mais incrível era negra. Ela sentiu-se mal pelo pensamento mais foi inevitável sua surpresa, no colégio Strauss só havia a professora Terê, um *rapaz mulato que era aluno*, o segurança e a moça da cantina, Mira claro e agora a coordenadora que estava de licença.

Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com as heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas. Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas. (p. 23)

Mira foi convidada novamente para casa de uma colega (Mariana), ao chegarem lá almoçaram estavam em uma conversa bem descontraída, quando a tia de Mariana chegou, Mira estava com a irmãzinha de Mariana no colo e foi confundida pela mulher com a babá, (Carneiro, Campos, Vilhena, 2007).

Essa “confusão” deixou Mira desesperada; ser vítima de racismo daquela forma tão vergonhosa a deixou arrasada, Mariana a defendeu imediatamente dizendo, que Mira estudava no Strauss e era sua amiga e convidada, Dida também saiu em sua defesa alegando que Mira tinha bolsa de estudos, mas o remendo saiu pior que o soneto, ela se sentiu ainda mais ofendida. Então era isso que pensavam dela, o único motivo por ela estar em uma escola como aquela seria porque ela teria uma bolsa. A mulher se defendeu diante aquela acusação de racismo que Mira lhe fez, por ela achar que todos os negros devem ocupar os cargos mais servis na sociedade, o de doméstica, motorista, segurança, Babá, etc. “Que isso, menina?! Racista, eu???”

Fatos como estes vem acontecendo todos os dias em nossa sociedade com pessoas negras. A imagem de subserviência é veiculada pelos meios de comunicação: comerciais, filmes, telenovelas, mostram o negro como sujeito subalterno um pobre coitado ou como um delinquente, escolhe o caminho mais “fácil” para conseguir atingir

seus objetivos. São estereótipos degradantes, que de início se apoiava em teses científicas e filosóficas arcaicas, como já enfatizei antes é o caso do heliocentrismo do século XX ou o Determinismo (o homem é produto do meio não sendo capaz de sobressair), Darwinismo (a teoria da evolução das raças). “... o racismo é um comportamento social que está presente na história da humanidade e que se expressa de duas formas interligadas: a individual e a institucional, (Munanga, 2006.) Mira foi vítima de ambas as formas; em um primeiro momento por ter sido diretamente contra sua raça, já a tia de Mariana se deixou levar por um padrão pré-estabelecido da sociedade que vincula o negro a posições periféricas na sociedade. Em um segundo momento, também foi institucional, já que sua situação como estudante do Strauss foi colocada com a restrição de bolsista.

Ao chegar em casa Mira não consegue esconder sua tristeza e conta para sua mãe o que aconteceu. Sônia fica muito revoltada e fica satisfeita por que a filha reagiu, não há como continuar calando para este tipo de situação. Mas, na escola, Mira muda seu comportamento, passa mais tempo sozinha, se afasta das pessoas daquele lugar que para ela são todas racistas.

No Brasil temos uma estrutura racista velada, silenciosa, a população negra sofre os dividendos de uma sociedade que não oferece políticas afirmativas de reparação adequadas por todos os séculos de violência cultural, patrimonial e estrutural sofrida por essa parcela da população, então falar de mérito quando esses indivíduos não têm as mesmas oportunidades, não são tratados com isonomia, sofrem discriminação no mercado de trabalho, não têm acesso a escolarização e saúde de qualidade, dentre outros bens sociais que poderiam lhes oportunizar qualidade de vida e bem estar social.

2.3 MIRA REAFIRMA SUA IDENTIDADE

O professor Ricardo percebe sua mudança e conversa com Mira que lhe conta o que aconteceu e como se sente em relação a esse episódio, “uma intrusa” naquele lugar que não lhe pertence, mas Ricardo também tem suas marcas causadas pelo racismo; ele

é branco dos olhos azuis e é Judeu, mas seu avô fugiu da Alemanha durante a Segunda guerra Mundial e perdeu tudo, amigos, família, bens materiais. Tudo lhe foi usurpado pelos Nazistas por ele não ter um pertencimento racial “adequado”, ser de uma raça inferior. Mira fica surpresa e começa a entender que o racismo deve ser combatido para que horrores como o holocausto dos judeus, o genocídio dos negros na África, a escravidão aqui no Brasil, entre tantos outros crimes contra a pessoa humana não voltem a acontecer.

O Strauss se prepara para receber um escritor famoso e para ser formada uma comissão de boas vindas elegem um representante para esse comitê; para surpresa de nossa personagem ela é a escolhida, ao chegar no banheiro da escola escuta duas colegas de classe falando da sua escolha, da má idéia dos colegas já que mesmo Mira sendo inteligente e competente é negra, que imagem negativa o escritor teria do Strauss, tendo como uma representante de alunos uma negra. Mira vai conversar com a professora responsável pelo evento e desiste de ser representante. Esse fato chega até a coordenadora Sandra que chama Mira para uma conversa.

Sandra é uma mulher forte e guerreira e consegue mostrar pra Mira que apesar das dificuldades que esta passando só ela poderá mudar seu destino, e ter uma identidade consolidada é o primeiro passo. Mira terá que se impor para que as pessoas a respeitem, buscar seu lugar nessa sociedade injusta com unhas e dentes, para que ela não deixe que atinjam sua auto-estima, que ela não pode acreditar na imagem inferior que algumas pessoas fazem dela, lhe contou alguns casos de discriminação e preconceito racial da qual foi vítima e que não é fácil ser negro, pobre e mulher nesse país, mas que não se pode desistir de lutar. Esta conversa fez muito bem pra Mira, que saiu daquela sala com forças renovadas. Fez as pazes com Dida e Mariana depois de uma longa conversa onde houve desculpas de ambas as partes, Mariana desculpou-se por sua tia, Dida por ter tentado defende-la e ter ofendido mais ainda e Mira por ter generalizado o preconceito das pessoas, mas é um problema que só conhece quem já passou alguma vez na vida.

Mira agora interessava-se cada vez mais por assuntos relacionados á questão

eticorracial, literatura, história e cultura da África e afrodescendentes, que a fazia reafirmar suas origens e sua identidade. Trançou os cabelos novamente. Descobriu ainda que o aluno que ela considerava esnobe, tinha como apelido “negrogato”.

O Strauss estava desenvolvendo um projeto em parceria com escola carentes, para debates e o aprofundamento de estudos nas mais diferentes áreas, segurança, discriminação, emprego, ecologia, defesa do patrimônio público. O Cruzinha estava na lista das escolas parceiras sua antiga escola, era um retorno maravilhoso, tentar devolver tudo que recebeu de bom ali.

Dida também estava envolvido e apareceu naquela tarde com um cabelo Moicano muito legal e se declarou para Mira e os dois começaram a namorar. E nossa personagem termina esse romance com muitas perspectivas para o futuro, determinação e coragem na possibilidade de uma vida melhor, mais digna em que as pessoas tenham orgulho de quem são.

CONCLUSÃO

A literatura sempre foi um espaço de inserção social. Os grupos mais privilegiados, sempre tiveram um lugar de destaque em detrimento das literaturas de pertencimento de grupos minoritários como é o caso do negro, mulher e homossexual. A literatura molda comportamentos e reafirma conceitos, enfim é um veículo de grande abrangência sobre os valores humanos implementados por uma pequena elite letrada/culta. São fenótipos sociais que são reforçados, não poderia ser diferente com os personagens negros que tentaram silenciar através de teorias como a democracia racial e a meritocracia. Em circunstâncias mais degradantes os negros sempre exerciam nas histórias especialmente as infanto-juvenis o papel de vilões.

Com a implementação da **Lei 10.369/2003**, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira, deparamos-nos com personagens negros que vivem á margem da sociedade. É uma imitação desproporcional da realidade vivida pelos negros no nosso país. Sem nome, história e nenhuma perspectiva de vida esses

personagens revelam uma forma negativista da imagem do negro no nosso país.

Porém, essa caracterização vem mudando na literatura em um processo lento, mas contínuo. Encontrarmos personagens como Mira e sua família que retratam tão bem a realidade social, econômica e política em nosso país, é gratificante. Através de Mira podemos encontrar uma ressignificação do ser negro. Mira tem história, cultura e está definindo sua identidade com um forte pertencimento etnicorracial.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Literatura infantil**. IN Confissões de Minas. Rio de Janeiro: Aguilar, Editora, Obra Completa, 1992.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ARRUDA, José Jobson. **Brasil Império e República**. 2 ed. São Paulo: Ática 1998.

AYALA, Marcos; IGNEZ, Maria e AYALA, Novais. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 2006.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CAMPOS, Carmen Lucia, CARNEIRO, Sueli; VILHENA, Vera. **A cor do preconceito**. São Paulo: Ática, 2007.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 1998.

CHERVALIER, Jean; Gheerbrant, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

DONDIS, Donio A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERNANDES, Florestan. **Significado do Protesto Negro**. São Paulo: Cortez, 1989. coleção polêmicas do nosso tempo: V. 33.

FERNANDES, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula**: visita a história contemporânea. São Paulo: Selo Negro. 2005.

FILHO, Américo Pellegrine. **Antologia do Folclore**. São Paulo: EDART, 1982. FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2002.

GEERTZ, Glifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**; Tradução Tomáz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11.ed.-Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

MATTELART, Armand. & NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MAFESSOLI, Michael. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: cidades Letras, 2001.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Raízes científicas do Mito do negro e do racismo ocidental**. In: Temas Imesc, Soc. Dir. Saúde, São Paulo, V.1, n.1, p. 39-47, 1984.

MUNAGA, K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2019.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PAZ, Octavio, **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

RICOUER, Paul. **Indivíduo e identidade pessoal**. In: VEYNE, P. VERANANT J-P;... [et ali] **Indivíduo e Poder**. Trad. Isabel D. Braga. Lisboa: Edições 70, 1988.

ROSENFELD, Anatol; **Texto/Contexto II**. São Paulo: Perspectivas, 1993.

SANTAELLA, Lucia; Noth, Qinfried. **Imagem: Cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SERRANO, Carlos e Waldman, Maurício. **Memória Di África: A temática aplicada em**

sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**/ Tomás Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kthryn Woodward.-Petropolis, RJ: Vozes, 2000.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21039-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html> Acesso em: 24 abr. 2024.

BEZERRA, Juliana. **Meritocracia**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/meritocracia/> Acesso em: 25 abr. 2024.

AGÊNCIA BRASIL. **Desemprego é maior entre mulheres e negros, diz IBGE**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-05/desemprego-e-maior-entre-mulheres-e-negros-diz-ibge>. Acesso em: 25 abr. 2024.

KOSHIBA, Luiz; Pereira, Denize F. Manzi. **Brasil Colônia: O trabalho escravo na história do Brasil**. História do Brasil. Ed. atual, pg. 34. Disponível em: <http://www.Historianet.com.br/conteúdo/default>. Acesso em: 03 set. 2009.